

**Organizadora**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Primeira edição publicada em 1996.

**O livro didático de  
Língua Portuguesa**

Segunda edição

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2008

**Diretora da Faculdade de Letras**

Jacyntho José Lins Brandão

**Vice-Diretor**

Wander Emediato de Souza

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Revisão de textos**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

**Formatação**

Anderson de Moura Freitas

**Endereço para Correspondência**

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

*e-mail*: vivavozufmg@yahoo.com.br

## Sumário

### **Apresentação . 5**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

### **O livro didático: ótimo negócio para as editoras . 8**

Joelma Beatriz de Oliveira

### **Os textos do livro *Português* de Reinaldo Mathias Ferreira . 11**

Marina Procópio de Oliveira

### **O livro didático: adequado ou não? . 13**

Ivana Magalhães Gandra

### **A rotina do livro didático e o professor . 15**

Paula Cardoso Vaz de Melo

### **Cartilhas de alfabetização: o fim de uma jornada pedagógica . 17**

Mônica Moreira Rocha

### **A presença da música popular brasileira nos livros didáticos de língua portuguesa . 20**

Marilucio Alves Paula

### **Por dentro do livro didático do Colégio Marconi . 23**

Cláudia Pessoa

### **Português na sala de aula . 24**

Rosalina Rodrigues dos Santos

### **Livro didático: monotonia ou necessidade? . 26**

Rosânea Aparecida de Freitas

### **A inadequação do livro didático . 28**

Cláudia Marins de Matos

### **Como tornar um livro didático eficiente . 30**

Renato Alexandre Alves de Paula

### **Livro didático versus professor . 32**

Lucimara Maria Salgado

### **O livro didático na sala de aula . 33**

Maria Nazaré Moreira de Souza

### **O livro didático como cerceador da criatividade humana dentro da sala de aula . 34**

Olga Maria Alves de Sousa

### **A didática do ensino . 36**

Nadir Rodrigues Reis

### **A monotonia nos livros didáticos . 37**

Ana Cristina Teodoro

### **A questão da transitividade verbal nos livros didáticos . 38**

Tereza Cristina Duarte

### **A ortografia no livro didático . 41**

Edson Rodrigues da Silva

## **Apresentação**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Rubem Braga não conheceu o significado do vocábulo escardichar; o feminino de cupim; o antônimo de póstumo e como se chama o natural do Cairo. Nem por isso ele deixou de escrever e de sentir prazer em seu ofício de escritor; confessava que, algum dia, estudaria com toda calma nossa língua e se penitenciaria dos abusos que praticara contra sua pulcritude.

Se queremos que nossos alunos escrevam, devemos criar condições para tal. Ao ler textos dos alunos, é comum o professor de português se deixar levar pelos "erros" gramaticais, que, em grande parte, devem-se à influência da oralidade na escrita. Em geral, ignora-se o conteúdo textual, despreza-se o que o aluno/autor tem a dizer, valorizando-se o aspecto formal do texto. É certo que a apresentação visual agrava certos defeitos de formulação e as incorreções que poderiam passar despercebidas na produção do texto oral. É certo também que o autor do texto deve ter a oportunidade de verificar a presença dessas incorreções, quando fizer a revisão de seu texto, quando apresentá-lo a alguém para uma leitura crítica, antes de uma reelaboração.

No início do primeiro semestre de 1996, os alunos da disciplina Tópicos de Produção de Texto em Língua Portuguesa levantaram as dificuldades freqüentemente por eles encontradas para produzir um texto escrito. Quase todos os alunos alegaram ter problemas de ordem gramatical e reconheceram que só a eles cabia o esforço de corrigir esses problemas, através de consultas a dicionários e a gramáticas normativas, já que, para escrever, eles utilizam a modalidade padrão culto da língua portuguesa. Os alunos lamentaram que "geralmente, os professores corrigem os textos, marcam os erros e não dizem como ficaria melhor" e todos demonstraram desconhecer os seus interlocutores. Afinal para quem se escreve?

A partir do levantamento das dificuldades apresentadas pelos alunos, estivemos refletindo sobre as nossas experiências com leitura e produção de texto, analisamos os diferenciados percursos do texto na escola, trocamos idéias sobre a composição de diferentes tipos de texto e sobre as possibilidades de estruturação da escrita: do planejamento à produção final.

Transformamos o espaço da sala de aula em uma oficina onde vários textos foram produzidos. Seguimos a trajetória da pré-escrita à arte final: do planejamento à leitura prévia sobre o assunto a ser tratado, da busca de idéias ao rascunho e à edição, da revisão e do aperfeiçoamento do texto até a produção final. Escrevemos, dentre outros temas, sobre as nossas experiências individuais com o texto escrito, sobre as diferenças formais e funcionais entre a fala e a escrita, sobre o escritor e o escrever, sobre o livro didático de língua portuguesa. Selecionamos esse último tema para ser levado a público. Apesar de ter sido um dos primeiros temas a ser trabalhado durante o semestre letivo, pensamos que este tema é de especial interesse tanto para os autores, professores e futuros professores de língua portuguesa, quanto para o nosso interlocutor virtual interessado no que temos a dizer.

Esta coletânea é a nossa oportunidade de demonstrar que a Faculdade de Letras permite que nossos alunos experimentem, aprendam, vivam o que se ensina. Por crer que a arte de escrever não é prerrogativa dos literatos e sim uma atividade social indispensável, entendemos que o curso de Letras pode viabilizar a divulgação dos textos produzidos em sala de aula para que, sendo levados a outros leitores, seja favorecida a sua crítica e novas idéias sejam trazidas para o amadurecimento de nossos alunos/autores.

Quando se deixa de perguntar ao aluno o sinônimo de escardichar; o feminino de cupim; o antônimo de póstumo; como se chama o natural do Cairo, libera-se o aluno do desperdício de energia mental, da memória sobrecarregada de

desnecessárias e, muitas vezes, inúteis. Assim, quando se começa na produção escrita, ele mesmo pode procurar (se sentir necessidade) respostas a essas questões. O importante é preparar nosso estudante para o desenvolvimento de suas idéias, é valorizar sua palavra, levando-se a público para que o interlocutor real possa argumentar a favor ou contra o que nosso aluno tem a dizer.

## **O livro didático: ótimo negócio para as editoras**

Joelma Beatriz de Oliveira

Todo ano, faturam-se quantias milionárias com o comércio do livro didático de língua portuguesa em Minas Gerais. O preço, a publicidade, a qualidade e as estratégias de vendas, investimentos das editoras, contribuem para que o mesmo figure entre os campeões de vendas do setor e para o crescimento do mercado editorial mineiro.

Em 1996, o faturamento do seguimento de livros didáticos deverá representar quase 70% do mercado editorial brasileiro. Um setor que, só no ano passado movimentou R\$330 milhões. O percentual representa um acréscimo de 12% sobre o desempenho de 1995. As informações são do Presidente da Câmara Mineira do Livro (CML), José Alencar Mayrink, que também é proprietário da Editora Formato. Segundo ele, o mercado editorial mineiro é o segundo do país, com participação de 18%, atrás apenas de São Paulo. As expectativas do setor são maiores para o ano de 1996, pois neste ano, o governo ampliou o programa da Fundação de Amparo ao Estudante (FAE), acrescentando à distribuição de livros de 1ª à 4ª séries também o leque de 5ª à 8ª. O mercado editorial mineiro faturou, em 1995, cerca de R\$ 59 milhões, sendo que o livro didático de língua portuguesa foi responsável por, aproximadamente, R\$4 milhões do montante. O preço dos livros é um dos fatores que exercem influência sobre o faturamento das editoras.

Contrariando a lógica dos produtos que saem a preços módicos do produtor e vão agregando valor pelo caminho – fruto da ação dos atravessadores –, o livro didático já sai das editoras com seu preço final ao consumidor estipulado. A editora determina quanto o leitor/ estudante deverá pagar por ele. Ela define também a margem de descontos relativos aos lucros do distribuidor e da livraria. O sistema funciona com margens de lucros embutidas. A publicidade, a qualidade e as

estratégias de vendas são fatores que interagem entre si e também exercem influências sobre o faturamento.

Para justificar as vendas, os editores garantem que tanto a qualidade física (papel e tinta), quanto a pedagógica (conteúdo), têm melhorado bastante nos últimos oito anos, período em que se passou a criar cursos de reciclagem para professores, observa Mayrink. Nesta época, vários autores estiveram na moda. “No ramo dos livros didáticos tudo é passageiro, não há autores famosos por muito tempo, a coisa é momentânea”, informou o proprietário da Editora Formato. Talvez seja esse o motivo que leva à manutenção da atual estratégia de vendas.

Os editores de livros sabem que o seu público alvo continua sendo os professores de 5ª à 8ª séries ou as supervisoras dos cursos primários. Segundo Mayrink, são estes os profissionais que decidem pela adoção ou não de um ou outro livro didático na sala de aula. Seguindo esta lógica, as editoras e distribuidoras concentram seus gastos nesta faixa de público, ora mandando representantes às escolas, ora utilizando os serviços dos Correios através de mala-direta. Trabalhos voltados para a comunidade universitária representam um alto custo para os empresários, diz Mayrink. Segundo o representante dos editores, não interessa investir em um público potencial, sem qualquer garantia de pedidos futuros. Os empresários do setor não apostam no poder de decisão dos universitários de hoje, é melhor que eles decidam que livro adotar quando atuarem no magistério. É com este argumento que os editores mantêm o atual sistema de distribuição de livros didáticos como está, admitindo, no máximo, a realização de palestras e seminários nos diversos *campus* das universidades brasileiras.

Por outro lado, no âmbito da educação, o livro didático é um assunto polêmico para os profissionais da área, quando se trata de adotá-lo ou não. Apesar de orientar o professor quanto ao conteúdo a ser ministrado na sala de aula, deixa-se muito a desejar. Geralmente, critica-se o livro didático de

língua portuguesa por ser ineficaz, incompleto e monótono. Analisando-se alguns exemplares desse material, conclui-se que há textos mal selecionados e propostas de redação vagas. Ele orienta, porém, limita tanto o trabalho do professor, quanto o aprendizado do aluno. Mas, apesar de contribuir negativamente para o ensino de língua portuguesa, este é um excelente produto de consumo para o comércio editorial. As estratégias de *marketing* e de vendas, o preço e a qualidade são investimentos dos editores que mantêm a hegemonia do livro didático.

O livro didático de língua portuguesa se encontra numa excelente posição no mercado. E, por isso, talvez seja quase impossível pensar na sua extinção. Pelo menos no momento, uma vez que vem sendo consumido em larga escala, e uma vez que se encontra entre os primeiros nas vendas do setor, sendo responsável pelo excelente faturamento das editoras em 1995, e pela previsão de lucro ainda maior em 1996.

## Os textos do livro *Português* de Reinaldo Mathias Ferreira

Marina Procópio de Oliveira

Os textos adotados pelo autor no livro *Português* não atendem a critérios básicos para o desenvolvimento de habilidades de leitura, de atitudes e valores em relação ao convívio com a língua escrita. Segundo análise do grupo de estudos de Português da FAE/UFMG, no trabalho *Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos*, realizado em 1994, conjuntamente com o MEC e a UNESCO, a seleção de textos do livro didático deve seguir certos critérios: a) abranger larga gama de gêneros, de modo que o aluno se familiarize com diferentes tipos de textos e de portadores de textos; b) apresentar diferentes registros e variedades, representando a diversidade dos usos e funções sociais da escrita; c) voltar-se para temas variados e adequados aos interesses da faixa etária para a qual o livro se destina; d) garantir a representatividade da literatura nacional.

São dezesseis os textos utilizados no livro em análise. Com relação ao primeiro critério supracitado, pode-se dizer que o material é pobre. Há, entre os textos, três poemas descaracterizados de seu contexto, uma vez que incompletos e com títulos diferentes daqueles dos poemas originais. Como exemplo, podemos citar o título *O retirante chega à Zona da Mata*, substituindo *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, que é citado ao fim do excerto, excerto esse descontextualizado, trazendo uma idéia diferente daquela que o poema original pretende trabalhar.

Da mesma forma, os outros textos escolhidos são, em sua maioria, fragmentos que não permitem ao leitor uma idéia completa da história que ali se conta. Pode-se aqui citar um excerto de *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, usado pelo autor. Trata-se de uma cena de perseguição dos guardas a um garoto, que termina por saltar de um edifício, que leva no livro o título de *Como um trapezista de circo*.

Todo o livro se constitui de pequenas narrativas literárias ou de poemas. Não há referência ao texto jornalístico, a revista, a história em quadrinhos, a textos dissertativos.

Com relação ao critério b), o livro didático analisado também apresenta muitos problemas. Os textos utilizados oferecem sempre o mesmo tipo de registro: não há variação de usos e funções da escrita. A escrita é apresentada como tendo uma forma única, invariável, que deve ser analisada como correta, o que se pode depreender através do reforço feito através dos exercícios gramaticais propostos ao fim de cada unidade.

A preocupação com as questões sociais, com o lugar do homem do campo, com o trabalhador urbano, com a vida do homem na sociedade moderna são a tônica dos textos selecionados pelo autor. No entanto, esta repetição temática limita o livro, pois não oferece ao aluno outras possibilidades de leitura que não as perpassadas pelo viés do social.

Finalmente, no que diz respeito ao quarto e último critério de avaliação, pode-se dizer que foi o mais respeitado pelo autor. Os textos selecionados são expoentes representativos da literatura nacional, bem escritos e interessantes, apesar de muitas vezes fragmentados.

Em suma, pelo que se pode perceber da análise feita acima, o livro responde a apenas um – e mesmo assim de forma incompleta – dos quatro critérios básicos da seleção de textos para o livro didático. Assim sendo, o material parece não contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura, atividades e valores dos estudantes na sua relação com a língua escrita.

### Referências bibliográficas

FERREIRA, Reinaldo Mathias. *Português*. São Paulo: Ática, 1989.

FILHO, Antenor Gonçalves. *Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos*: 1ª a 4ª séries. Brasília: DNLD/FE/MEC/ UNESCO, 1994.

## O livro didático: adequado ou não?

Ivana Magalhães Gandra

Os textos apresentados no livro didático de português, adotado em escolas de periferia, retratam a realidade da criança que vai usá-los? Ou são textos que ignoram o universo destas crianças, apresentando-lhes um mundo quase fictício?

Sabe-se que a aprendizagem é mediada pelo mundo e pela cultura. Entende-se então, que o livro didático deve ser um prolongamento do universo cultural da criança, para que ela apreenda naturalmente novos conceitos, novas representações. Foi com o intuito de verificar a adequação do livro didático à população a qual ele se destina, que foi examinado o livro da terceira série do primeiro grau *Como é fácil português*, adotado pela Escola Municipal George Ricardo Salum, situada no bairro Taquaril.

Localizado na zona leste de Belo Horizonte, o bairro Taquaril é ocupado, predominantemente, pela classe sócio-econômica D e E. Apesar do saneamento básico, as condições de moradia são precárias e grande número de casas foi construído em áreas consideradas de risco. As crianças que freqüentam a escola George Ricardo Salum são, em grande maioria, provenientes de lares onde o grau de instrução nédio não ultrapassa o primeiro grau.

O livro *Como é fácil português* é impresso em quatro cores, em papel de boa qualidade. As ilustrações são singelas, tomando o material agradável aos olhos. Os textos apresentam personagens bem reais: a mãe, empregada doméstica; o pai, pedreiro; Pedrinho, o menino que faz biscates para ajudar no orçamento doméstico. Várias passagens do livro referem-se a famílias que não têm onde morar, a crianças que não têm o que comer e que não podem ir à escola porque devem trabalhar. Há também textos apresentando lendas e personagens do folclore brasileiro. Pequenos poemas de linguagem simples são inseridos em cada unidade.

Pode-se dizer assim, que o livro *Como é fácil português*, através de seus personagens e situações, retrata uma realidade que é familiar à criança que o utiliza, uma vez que em seu universo estão presentes vários elementos da vida cotidiana destas crianças. Seja através das profissões, seja através da carência de recursos, os personagens do livro são pessoas que fazem parte do mundo de seus leitores. Além disso, os textos que compõem o livro não ignoram o universo das crianças, pois nota-se uma grande preocupação em apresentar o conteúdo didático inserido num contexto coerente com aquele da criança. O mundo apresentado pelo livro não é fictício.

## A rotina do livro didático e o professor

Paula Cardoso Vaz de Melo

Apesar de o livro didático ser reconhecido como necessário na sala de aula, devem-se questionar suas propostas e observar se muitas delas não tendem a cair no lugar comum, enfadando e desestimulando tanto o aluno como o professor.

Analisando-se o livro didático: *Português Hoje / A Comunicação Viva*, podemos confirmar esta observação. Apesar de levantar algumas questões relevantes, tais como ecologia, família e sociedade, a forma como esses temas são abordados, muitas vezes, não se encaixa à realidade do aluno, dificultando a sua inserção nos assuntos. Eles são mostrados de uma forma muito técnica, com termos e expressões que, constantemente, fogem do conhecimento prévio do discente, causando o seu desinteresse pela atividade proposta.

Outro fato que traz a monotonia do livro é a estrutura de apresentação: texto, interpretação e conhecimentos lingüísticas. A criança se cansa rapidamente, pois entra num processo mecânico de trabalho em que ela sabe o que encontrará à frente, à medida que for avançando.

Dentre vários pontos, o que mais necessita de uma mudança é o da escolha e interpretação dos textos. Os mesmos são compostos por histórias banais, com perguntas banais e, conseqüentemente, possuem respostas banais que, ao invés de estimular a produção, acabam cerceando o processo criativo do aluno. Às atividades são padronizadas e esperam as mesmas respostas de uma turma, geralmente, heterogênea.

Entretanto, não se pode prever através da utilização do livro didático o que irá acontecer na sala de aula. Por isso, não é necessário esvaziar-se totalmente do seu conteúdo. É preciso descobrir meios mais atrativos de expor o material e, para isso, cabe também ao professor utilizá-lo de forma mais agradável. A base de tudo deve ser o aluno: trazer para a classe suas experiências de vida e adequá-las aos novos

conhecimentos que lhe serão ministrados, garantindo o seu crescimento sempre de maneira interessante.

### Referências bibliográficas

CARVALHO, André Ferreira de *et al.* *Português hoje: a comunicação viva*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

FARLA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia do livro didático*. São Paulo: Autores Associados, 1987.

## **Cartilhas de alfabetização: o fim de uma jornada pedagógica**

Mônica Moreira Rocha

Em muitas pré-escolas, as cartilhas de alfabetização vêm transformando-se em relíquia. Estão sendo substituídas com sucesso por outros materiais alternativos: artigos de jornal, matérias de revista, tópicos de enciclopédia, textos coletivos escritos pela professora juntamente com a turma, receitas culinárias, etc.

Tal procedimento se deve ao fato de que as cartilhas baseiam-se em exercícios repetitivos e desvinculados do dia-a-dia do aluno, o que não proporciona a ele chance de perceber a língua escrita como fator integrante do cotidiano das pessoas. O artificialismo a que a língua é submetida não leva em consideração a competência lingüística que o aluno já possui, ao entrar para a escola. Uma criança de quatro anos, que não apresenta nenhum tipo de problema cognitivo ou de desenvolvimento da fala, é perfeitamente capaz de entender textos mais complexos e elaborados do que os do tipo:

*A moto é maluca?*

*Ou o Guto é doido?*

*O Guto liga a moto.*

*Ele coloca o gato na moto.*

*Ele coloca o macaco na moto.*

*E lá vai a moto maluca!*

Esse texto não tem continuidade e é pobre em conteúdo, pois foge à experiência de vida dos alunos – afinal, a cena descrita, se houver alguma chance de ser observada, só pode ser no circo. Nele não há uma narração significativa a ser apreendida pelo leitor. Apresenta alguns problemas de vocabulário: a repetição das palavras tende a confundir as crianças ao invés de facilitar-lhes a compreensão.

Essa estrutura serve para ilustrar o tipo de composições encontradas nas cartilhas, tradicionais livros didáticos destinados à alfabetização. Há, entretanto, na possibilidade de

se utilizar os materiais alternativos citados, duas principais vantagens.

Uma vantagem é que se pode proporcionar ao aluno um contato com a forma usual da língua materna, como ela é usada no cotidiano, através do estudo de textos integrais, com início, meio e fim, ao invés de fragmentos. Assim, trabalha-se a continuidade textual, o que certamente favorecerá o gosto pela leitura e pela escrita, que devem estar inseridas no contexto em que as crianças se encontram. Ler e escrever devem ter algum objetivo, como, por exemplo, escrever um bilhete a um colega ausente para saber o motivo que o levou a faltar de aula.

Outra vantagem verificada é o enriquecimento dos conteúdos trabalhados. A língua escrita é apresentada, desde o início da alfabetização, não simplesmente como objeto em si mesmo, mas como veículo transmissor de outros conhecimentos, instrumento de comunicação e expressão, como produção artística. O aluno não tem, primeiro, que aprender a decifrar o código escrito antes de aprender a usar as possibilidades que ele oferece. Desde a alfabetização, a criança é estimulada a se informar, a se expressar e a criar. Isso faz com que ela desenvolva um maior interesse pelas descobertas que inicia.

As cartilhas, nas modernas concepções do ensino, tomaram-se material obsoleto no processo de letramento, pois o que se busca é introduzir as crianças ao mundo da leitura e da escrita, proporcionar um contato empolgante com essas modalidades, que lhes aguace a curiosidade e faça aflorar seu potencial criativo.

As pobres cartilhas, caracterizadas pela sua metodologia regular e monótona, são incapazes de viabilizar a concretização desse ideal. Não lhes resta, dessa forma, senão contentar-se em ocupar um lugar ao final de uma estante ou no fundo de um baú, enquanto os mais diversos veículos textuais invadem o processo educativo.

## Referência bibliográfica

BACHA, Magdala Lisboa; BACHA, Tamura Lisboa. *Começo de conversa: cartilha*. São Paulo: Moderna, 1985. p. 27.

## A presença da música popular brasileira nos livros didáticos de língua portuguesa

Marilucio Alves Paula

O livro didático de uma língua, além de se comprometer com um aprendizado eficiente, deve fornecer um material que leve o aprendiz a pensar a vida, partindo de temas pertencentes a sua própria realidade. É o que encontramos em alguns autores que, em seus livros já ricos de textos de escritores consagrados da literatura nacional, estão fazendo uso de textos de compositores da música popular brasileira. Estas composições têm se revelado um ótimo suporte para o estudo da língua portuguesa e está se tomando cada vez mais freqüente no material didático por terem se demonstrado um excelente instrumento flexível, ou seja, um forte meio de levar o aprendiz a interpretar o que fala, refletir sobre os temas propostos e, assim, elaborar as suas conclusões. Além do mais, a própria musicalidade dos textos tem colaborado para que o ambiente do aprendizado seja mais agradável.

Um forte exemplo disso está na coleção *Palavras e Idéias*, dos autores José de Nicola e Ulisses Infante, direcionada ao estudo da língua portuguesa nas séries ginásiais, em que foram introduzidos textos de composições brasileiras que proporcionaram um ótimo resultado em todos os quatro livros.

No livro da quinta série, já no capítulo 5, é proposto o tema *Brasil*, introduzindo com o chamativo *O prazer do texto*, a composição musical *Canta Brasil*, de David Nasser e Alcir Pires Vermelho (p.62). Os autores do livro anunciam o texto da seguinte forma: "Falar da nossa terra e da nossa gente costuma despertar emoções fortes e variadas. E concluem: "(...) Para que você comece a pensar sobre isso, apresentamos, a seguir, a letra de uma canção que fala sobre o Brasil". Logo em seguida, segue a proposta de trabalhar o texto, para só depois introduzir o estudo das sílabas. Uma outra composição, desta vez vinda de José Dantas e Luiz

Gonzaga, serve de suporte para o estudo do alfabeto. Trata-se do *ABC do Sertão* (p. 71), que mostra os nomes sertanejos com suas pronúncias particulares, ampliando os horizontes lingüísticas do aprendiz da língua, diante das diferenças culturais existentes. No decorrer do livro, encontram-se outras composições musicais: *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda (p. 134), que introduz o tema *Cantando coisas de amor* e que servirá para o estudo do sujeito.

No livro da sexta série, a música *O circo*, de Sidnei Miller (p.23), é usada para a atividade de redação. Caetano Veloso, com a sua composição *Tapete Mágico* (p.76), ajuda a incrementar a prática redacional. Também neste livro, no capítulo sexto, Chico Buarque de Holanda, ao lado de Edu Lobo, reaparece com o texto *Ciranda da Bailarina* (p.94), introduzindo o tema *A verdade*, que servirá de apoio ao estudo do numeral e da concordância verbal.

Novamente Chico Buarque, desta vez em parceria com Sivuca, contribui para o estudo do sujeito com a composição *João e Maria*, base do tema do oitavo capítulo *O amor*. Depois aparece Milton Nascimento na parte de redação, com o texto *Canção do Sal* (p.211).

O livro da sétima série também é bem surtido de textos musicais, tais como *Todos Juntos*, de Sérgio Bardotti (p.63), traduzido por Chico Buarque, *Asa branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (p.98), *Maninha*, também de Chico Buarque (p.148), *Garota de Ipanema*, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim (p. 169), *A primeira estrela*, de Túlio Mourão, Milton Nascimento e Tavinho Moura (p. 195), *Caçador de mim*, grande composição de Sérgio Magrão e Luís Carlos Sá (p.208) e *Eu e ela*, de Caetano Veloso (p. 212).

Do mesmo modo, aparecem no livro da oitava série: *Queremos saber* (p.24) e *A mão da limpeza* (p. 117), de Gilberto Gil, *Meu bem-querer*, de Djavan (p. 32), *14 anos*, de Paulinho da Viola (p. 105) e *Samba do crioulo doido*, de Stanislaw Ponte Preta (p. 134).

Esse trabalho pode ser explicado pelo fato de que o Brasil, falante de uma língua portuguesa adaptada e misturada com variados dialetos regionais, é possuidor de uma cultura musical muito vasta, não apenas em ritmos, mas principalmente em composições. Assim, por ser a musicalidade uma característica do seu povo, essas composições não poderiam se restringir apenas ao mundo da arte. O trabalho de introduzir esses textos de composições musicais nos livros escolares pode significar uma tendência à auto-valorização, e isso não chega a ser negativo, muito pelo contrário.

Contudo, o que de fato é relevante está na pertinente preocupação dos pesquisadores do ensino da língua portuguesa em querer oferecer um material didático rico não somente por eficiente, mas por ser, antes de tudo, atraente e sugestivo. A música, assim como outras manifestações da arte popular, pode ter sido um primeiro grande passo de uma descoberta inteligente, no que diz respeito ao aprendizado de uma língua.

### Referência bibliográfica

NICOLA, José de; INFANTES, Ulisses. *Palavras e idéias*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

## Por dentro do livro didático do Colégio Marconi

Cláudia Pessoa

Na rede municipal de ensino, cada escola de segundo grau escolhe o livro didático que será adotado a cada ano. No Colégio Marconi, o livro didático de língua portuguesa adotado é *Português: Linguagens – Literatura, Gramática e Redação*.

Antes de ser escolhido, dois professores de língua e literatura analisaram-no e usaram-no, em caráter experimental, nas turmas do segundo ano do segundo grau, durante o ano de 1995. Ao final do ano, todos juntos, coordenador, professores e alunos decidiram adotá-lo em 1996, em todas as séries, uma vez que os alunos acharam o livro bastante interessante.

O livro é apresentado em três volumes e os assuntos abordados são divididos em capítulos que são assim organizados: abordagem do contexto histórico, apresentação do tema através de textos, exercícios e leituras.

A avaliação dos professores da área é bastante positiva. Além da impressão gráfica ser de boa qualidade, do uso de muita cor e ilustração, da apreciação dos alunos, o livro traz dicas de atividades complementares, tais como: assistir a filmes e peças teatrais, ouvir músicas, ter livros e outros textos e ainda incentiva a pesquisa, através da coluna "Fique ligado". Mas deixam registrada a necessidade de complementação com textos avulsos, pois nenhum livro didático atende totalmente.

### Referência bibliográfica

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cohar. *Português: linguagens – literatura, gramática e redação*. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 1994.

## Português na sala de aula

Rosalina Rodrigues dos Santos

O livro didático *Português na sala de aula* foi elaborado para alunos da sétima série do primeiro grau. Nele, a autora Sônia Junqueira dividiu o programa em capítulos sistematizados, como pode-se observar a seguir.

Todos os capítulos iniciam-se por um texto, e ao lado deste, figura uma coluna que traz o significado de algumas palavras na seqüência em que vão surgindo no mesmo. No rodapé, a autora o completa com uma pequena biografia do autor e algumas perguntas simples para a reconstituição do texto.

O estudo do texto é feito em duas partes: a primeira é um estudo do vocabulário com exercícios de pesquisa de palavras no dicionário, formação de palavras através de afixos, antônimos, etc., a segunda é composta de questões mais complexas para a avaliação da interpretação deste.

Em seguida, é feito um estudo da gramática. Cada capítulo aborda um assunto desta, em uma ordem lógica. Como, por exemplo, no capítulo IX estudam-se os verbos, com muitos exercícios de fixação. E uma segunda parte é destinada à ortografia, acompanhada de muitos exercícios tais como: divisão silábica, acentuação gráfica, etc.

Como exercícios orais, a autora propõe um tema relacionado ao texto suplementar, para ser questionado e comparado ao primeiro. Nesta seqüência, faz-se uma preparação para redigir, com frases para serem reescritas mudando o sentido. E logo após, são apresentados dois temas para redação, cada um deles com sugestão de introdução, desenvolvimento e conclusão. O final do capítulo é a parte intitulada "Enriquecimento", constituída de um tema para discussão em grupo e um provérbio, ambos voltados para o assunto do texto.

Com base nessa análise, percebe-se que o livro *Português na sala de aula* é bem completo e interessante.

Além de abordar a gramática em partes intercaladas, o que toma o aprendizado desta menos cansativo, ainda incentiva a leitura e a discussão em grupo. Esse material didático prepara assim, o aluno para a produção de textos, pois, só após a ênfase do assunto, é que é dado o tema para a redação. Desta forma, o aluno já está familiarizado com o tema e a produção flui mais facilmente.

### **Referência bibliográfica**

JUNQUEIRA, Sônia. *Português em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1991.

### **Livro didático: monotonia ou necessidade?**

Rosânea Aparecida de Freitas

Será o livro didático um instrumento que promove o rendimento do trabalho do professor? Será o livro didático um instrumento de estímulo ao prazer de aprendizagem para o aluno? Eis duas questões basilares a serem analisadas ao se decidir adotar ou não um livro didático, a usá-lo ou não em atividades pedagógicas.

O livro didático, em certo sentido, tolhe a criatividade do professor, impedindo-o de trabalhar o conteúdo de acordo com a realidade do aluno, com o perfil desse aluno. O professor que usa o livro didático como único instrumento pedagógico, não utilizando outras metodologias de ensino, não aproveita a vivência do aluno, sua realidade, não desenvolve a criatividade, projetos de ensino mais proveitosos para o aluno, que pretendam valorizar a diversidade, a pluralidade e a diferença de experiências sócio-culturais.

Nos métodos alternativos, como o construtivismo, por exemplo, o livro didático é apenas um recurso complementar/auxiliar no conteúdo trabalhado. Já na forma em que ele é usado tradicionalmente, o que acontece é que ele se torna maçante, tanto para o aluno, quanto para o professor. A atividade de aprendizagem se torna monótona, improdutiva.

Sem o livro didático, o trabalho e a criatividade do professor são mais exigidos. Isto é indiscutível. Mas a experiência pode ser enriquecedora para ele e seus alunos. O professor poderá trabalhar o conteúdo programático através de outros meios: textos jornalísticos, literários, de música, cartuns, poderá, numa relação interdisciplinar com outros professores, aproveitar o conteúdo destes de outras formas e outros ângulos na sua disciplina. Mas o mais relevante é que ele, assim, terá condições de trabalhar a partir da realidade do seu aluno, ao invés de perpetuar a violência implícita dos livros didáticos, na sua imensa maioria, voltados para o

aluno-padrão. Estes livros não consideram a cultura periférica, ou seja, a cultura popular, a que não é da elite. Os valores, a ideologia da classe dominante são impostos neles veladamente.

Por outro lado, há uma situação que se deve relevar: o reduzido tempo do professor, que se vê obrigado a trabalhar em duas ou três escolas para sobreviver, muitas vezes com conteúdos diferentes. O livro didático acaba sendo funcional para a maioria destes profissionais, que não têm tempo suficiente para suas turmas.

Fazer um bom trabalho, desenvolver projetos de ensino, neste contexto, torna-se muito mais complicado. Este é um problema estrutural do sistema educacional do país.

Entretanto, adotando ou não o livro didático, é possível fugir de aulas monótonas, buscando-se novas alternativas, novos métodos, desenvolvendo-se a criatividade do professor e do aluno, trabalhando junto com ele, fazendo do processo um estímulo à aprendizagem.

## **A inadequação do livro didático**

Cláudia Marins de Matos

Sob o aspecto de ensino de gramática, o livro didático costuma trazer noções e classificações gramaticais, sem, contudo, estabelecer-se um veículo direto com as habilidades de leitura e produção de textos.

Na maioria dos livros didáticos, a gramática é vista como um fim em si mesma, o que infelizmente, reflete uma postura ainda muito comum entre os professores. Assim, o manual didático pode ser apreendido como um reflexo de crenças e convicções já institucionalizadas da maioria dos professores e de um sistema educacional vigente, que representam interesses de uma ideologia dominante.

Tendo-se em vista a realidade desse quadro, o professor que pretender trabalhar uma gramática instrumental encontrará o obstáculo da inadequação do livro didático, pois este se mostra com uma tendência didático-moralista na maioria das vezes. Todavia, torna-se necessário que o professor veja o aluno não como um mero ser passivo, receptor de teorias. O aluno precisa ser incentivado a produzir conhecimentos e ler o mundo que o cerca. Para tanto, limitar-se às anotações do livro é pouco. A leitura precisa ser vista com prazer, respondendo às indagações e necessidades de cada um.

Para se solucionar esse problema, é necessário, a princípio, que o professor que não queira simplesmente repetir lições pró-estabelecidas, já que estas não se enquadram nos seus propósitos e seus objetivos, elabore um material alternativo adequado ao que se propõe. Esse material complementar ou de substituição ao livro visaria suprir as reais necessidades do aluno.

Pela precariedade de recursos com que habitualmente se tem movido o sistema educacional, é importante que o professor tenha o mínimo de autonomia e criatividade para direcionar o processo de aprendizagem em que o aluno

atuará. Essa proposta alternativa de produção de material didático parece ser um caminho eficaz para substituição de livros didáticos inadequados.

Por outro lado, fica clara a necessidade de atualização das publicações didáticas pelas editoras, na mesma medida da mudança de atitude da maioria dos professores. Mas, para que isso aconteça, é imprescindível que esses educadores se comprometam com a questão e que se engajem no mesmo objetivo. Se um grande número de professores, num grande número de escolas, rejeitarem as lições de gramática dos livros didáticos da maneira como são expostas, autores e editores não perderão, provavelmente, a oportunidade de lançarem novos manuais didáticos atualizados ou de renovarem os que já existem, para atender a demanda das escolas.

Os livros didáticos costumam refletir crenças e convicções de um sistema educacional vigente. Se as convicções forem mudadas, com certeza, os manuais ou livros didáticos também mudarão. É preciso que os educadores acordem para o fato de que ficar no campo da mera repetição de noções e classificações não vai acrescentar nada ao aluno ou desenvolver sua capacidade crítica. E essa é uma responsabilidade da escola. Especialmente na área de ensino de língua materna, o objetivo principal deveria ser desenvolver no aluno as habilidades de leitura e de produção de textos, porém de uma forma prazerosa.

## Como tornar um livro didático eficiente

Renato Alexandre Alves de Paula

Os livros didáticos de língua portuguesa, para serem eficientes, precisam se ajustar às necessidades dos alunos dentro da realidade brasileira. Afinal, para quem é o livro didático?

As camadas mais pobres da população brasileira não têm acesso a outros livros, mal tem acesso à escola, quanto mais a outros livros senão o didático. Por isso, os livros didáticos de português, independentemente do grau a que se destinam (primeiro ou segundo), se para alunos de escola pública ou particular, devem ser um meio para facilitar o aprendizado de quem é seu usuário. Para isso, é preciso avaliar melhor os conteúdos desses livros para que se tornem mais acessíveis aos alunos.

A maioria dos materiais didáticos de língua portuguesa, da primeira à quarta série do primeiro grau, por exemplo, objetiva apenas fixar na criança a gramática, almejando que o aluno se expresse com clareza. A prioridade no ensino da gramática faz com que outros pertinentes ao ensino da língua portuguesa, que também são importantes, como a leitura, interpretação e produção de textos, fiquem prejudicados dentro do contexto dos livros utilizados nas escolas. É preciso que os livros dêem mais ênfase aos exercícios de interpretação de texto para que o aluno desenvolva as habilidades de leitura, como definir o tema do texto, fazer relações, inferências, por exemplo. Enfim, que a partir dos exercícios, o aluno use sua criatividade e não apenas repita as atividades propostas e copie as informações do texto. O estudante também tem de ser estimulado a escrever. Mas deve haver o cuidado na proposição de temas para a produção da escrita, para que não ocorra o risco do aluno se perder. Não adianta mandar o aluno escrever um texto sobre um assunto que ele não conhece, pois só aumenta as dificuldades de quem vai escrever. Os temas propostos pelos professores

são, na maioria das vezes, muito distantes da realidade dos estudantes: são temas abstratos e longe estão do cotidiano do aluno.

Portanto, a escola e os professores, que são as pessoas que escolhem os livros didáticos, têm essa responsabilidade de selecionar aqueles que melhor se encaixem às necessidades de seus alunos na atual conjuntura brasileira, pois o aluno é o sujeito no processo da aprendizagem.

## **Livro didático versus professor**

Lucimara Maria Salgado

O livro didático inibe ou dá suporte ao trabalho do professor?

A questão do livro didático deve ser abordada levando em consideração o padrão médio de qualidade deste material, o significado deste instrumento de estudo para os alunos e as conseqüências dele na tarefa de ensinar que tem o professor.

Muitas vezes, o professor se depara com livros que lhe foram impostos, que não oferecem qualidade em suas abordagens gramaticais ou textuais. As informações sobre os processos da gramática são confusas, quando não erradas, e os textos, vocabulários e propostas de redação nem sempre têm identidade com seu público alvo.

Isso não quer dizer que todos os livros didáticos sejam ruins, e mesmo os que apresentam falhas podem ser corrigidos. Sua distribuição em capítulos facilita a aprendizagem, e os temas abordados podem ser manipulados de forma a se adequarem à realidade dos alunos. Pesquisa publicada no jornal *Estado de Minas*, dia 06 de maio de 1996, demonstra que, em escolas onde todos os alunos possuem o livro didático, a aprendizagem é 10% maior que em escolas onde faltam livros.

Há situações em que professores, quase sempre, quando formados, mal formados, fazem do livro didático a única base de planejamento de suas aulas. Eles concentram-se nos conteúdos destes livros sem dominá-los, tornando as aulas desinteressantes e a aprendizagem difícil e ineficaz.

O professor pode realizar as alterações que considerar necessárias e enriquecer a aula com novas idéias, fazendo do livro didático um parceiro na arte de ensinar, encontrando nele um grande suporte e um aliado para o desenvolvimento.

## O livro didático na sala de aula

Maria Nazaré Moreira de Souza

O aluno e, até mesmo, o professor são, muitas vezes, submissos à autoridade e imposição do livro didático. Acredita-se que a “verdade da língua” se encontra pronta e acabada nos livros didáticos ou é pré-determinada pelos seus autores. No entanto, não é bem assim.

Devemos reconhecer que o livro didático pode ser útil, mas como um roteiro a ser seguido pelo professor, que vai adequá-lo à realidade de sua turma. O professor deve levantar questionamentos a seu respeito: se é interessante; se é útil para o desenvolvimento da leitura, se as limitações dos textos estão vinculadas ao seu uso funcional. O livro didático pode ser útil como roteiro, mas deve estar sujeito a críticas. Críticas essas que teriam como objetivo principal melhorar a qualidade desse material e, por conseqüência, melhorar, também, a qualidade do ensino, uma vez que o manual didático tem papel importante nas nossas escolas.

E, se ao aluno é dado o direito de interferir na escolha do livro com o qual vai trabalhar, ele, por certo, vai produzir mais por se sentir participando e, assim, a sala de aula se torna um espaço mais democrático. O aluno é o alvo principal a ser atingido pelo livro didático. Por isso, ele deveria ser, também, aquele que vai decidir sobre o material a ser adotado.

Considerando estes aspectos, o livro didático se tornará menos autoritário, pois ele passa a ser adotado de acordo com os interesses da maioria que vai selecioná-lo e decidir qual o mais indicado para a adoção. O livro didático não deve ser visto como a “última palavra” ou a “verdade absoluta”. Deve, sim, ser instrumento para condução e orientação de professores e alunos e ter como objetivo a discussão em torno do conteúdo por ele apresentado.

## O livro didático como cerceador da criatividade humana dentro da sala de aula

Olga Maria Alves de Sousa

Cada indivíduo, a seu modo, lê o mundo, e a escola deveria ser um laboratório onde alunos e professores pudessem reproduzir sua história de vida, sem a imposição do modelo já pronto nos livros didáticos.

Na maioria das vezes, o sistema impresso nesses manuais deixa de exercitar a criatividade dos que estão dentro da sala de aula, principalmente no que diz respeito às respostas que já vem colocadas no “livro do professor”, não deixando margem para outras leituras de determinado assunto: a solução é esta e pronto, quem não pensar assim está redondamente enganado, E o professor se acomoda com as respostas já existentes, deixando de pesquisar eventuais pontos de vista que se desviam daqueles que lá aparecem grafados.

E como se isso não bastasse, os livros didáticos, na sua página introdutória, apresentam um plano de apoio ao desenvolvimento intelectual do aluno, através de exercícios diversos, e se propõem a ser um instrumento de aprender, um meio de aprimorar a capacidade de comunicação e expressão oral e escrita, em língua nacional.

No entanto, toda proposta de aprendizagem deveria atender a dois contextos: um cultural e outro psicológico. E essa moção haveria de estar situada no âmbito do conhecimento direto ou indireto do aluno e provocar nele o impulso emocional para nela integrar-se. Aí então entraria a criatividade do professor, buscando recursos que pudessem envolver a turma nas atividades sugeridas, e a construção do saber partiria do concreto, ou seja, da realidade de mundo de cada um e não dos exercícios impostos pelo livro didático, pois o conhecimento se constrói a partir da vivência com os fatos particulares e, ao organizar o próprio saber, alunos e professores estariam arquitetando a inteligência.

## Referência bibliográfica

PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

## A didática do ensino

Nadir Rodrigues Reis

O ensino da língua portuguesa, cada vez mais, está se tornando um massacre em decorrência de métodos didáticos utilizados nas escolas. Algumas instituições de ensino impõem normas quanto à forma de proceder do profissional em conduzir as aulas, como na escolha do material didático, que inibe a criatividade do professor. Conseqüentemente, para os alunos, as aulas são consideradas entediadas. Não há, por parte deles, muita receptividade na apreensão da matéria dada.

No meio catedrático, encontram-se discussões e alguns esforços têm sido feitos para mudar este quadro, apesar de ainda haver resistência. Há depoimentos de profissionais na área que resolveram deixar de lado a traumática caneta vermelha e trabalhar a dificuldade do aluno dentro da sala de aula, de maneira a alertá-los do erro cometido.

Não se quer dizer que todo método didático que vem sendo utilizado pelas escolas tenha que ser jogado fora. O professor deve tê-lo como suporte, mas deve procurar conciliá-lo com o seu trabalho. O ensino gramatical, por exemplo, investe na *decoreba* de enunciados da Gramática Tradicional, método pouco atrativo aos alunos e de difícil compreensão, enquanto a exposição de textos fará o aluno assimilar essas regras gramaticais mais facilmente e não de maneira *bitolada* como são enunciados gramaticais.

Uma reestruturação, na maneira como são utilizados os métodos didáticos, mostrará que a língua portuguesa não é apenas uma disciplina massacrante de sala de aula, ela está no dia-a-dia como uma ciência viva e como tal vem sofrendo modificações tanto no falante como nas academias.

## A monotonia nos livros didáticos

Ana Cristina Teodoro

Quando os livros didáticos foram lançados, muitos escritores e leitores acreditavam que isto seria uma boa alternativa para o estudo em nossa vida escolar. No entanto, esse material não atingiu essa expectativa, acabando por ser monótono e desinteressante.

Os livros didáticos deveriam ser de grande significado para os estudantes, uma vez que os autores se utilizariam de bons textos e boas atividades a fim de enriquecer e ilustrar o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula. Os autores, em sua maioria, não têm conseguido realizar com sucesso a proposta de conciliar o livro com o assunto trabalhado pelo professor ou vivido pelos estudantes no dia-a-dia. Eles têm se utilizado de textos com mensagens distantes da realidade dos leitores, o que não os estimulam a ler. Quanto às atividades propostas, apresentam-se desinteressantes e monótonas e não se tornam um desafio para os alunos.

Os livros didáticos não têm cumprido o desejado papel no atual processo de ensino-aprendizagem. As aulas se tornam interessantes quando enriquecidas pelos professores com textos retirados de outras fontes. Bem explorados, esses textos despertam maior interesse nos alunos e proporcionam aos leitores possibilidade de desenvolver um pensamento mais crítico.

Os livros, então, em grande maioria, têm sido apenas um suporte ao estudo escolar, fazendo com que os professores busquem outras alternativas para o desenvolvimento de suas aulas.

## A questão da transitividade verbal nos livros didáticos

Tereza Cristina Duarte

Em geral, os verbos são classificados em três categorias: intransitivo, transitivo direto e transitivo indireto. Ignora-se que um verbo possa pertencer às três categorias simultaneamente. Mesmo sabendo que há, em grande parte dos livros didáticos, incompletude quanto à transitividade verbal, os professores seguem, sem questionamento, embotando a mente dos alunos.

Essa categorização segue o procedimento que obedece a critérios de *recusa* e *exigência* de complementos. Assim, “verbos que recusam qualquer espécie de objeto são *intransitivos*, os que exigem são *transitivos* (diretos ou indiretos, segundo e exijam objeto direto ou indireto)”. Dentro do esquema, não há espaço para um verbo que ocupe duas definições, muito pelo contrário, a classificação é muito taxativa: ou um verbo é intransitivo, ou é transitivo direto ou transitivo indireto. Às vezes, esta questão é colocada em “termos de propriedade semânticas, isto é, os verbos intransitivos teriam *sentido completo* e os transitivos necessitariam de um objeto para completar seu sentido”. Deste modo, caso um verbo aceitasse “opcionalmente um objeto não caberia nesta classificação, pois não poderia ter sentido completo (intransitivo) nem incompleto (transitivo)”. Essa colocação se condena por confundir o “aspecto semântico e o formal da questão”. Podemos apresentar o verbo *comer* como exemplo. Dentro da classificação tradicional, este é um verbo intransitivo. Mas isto não é de toda verdade, pois o mesmo “aceita opcionalmente um objeto”. Nas orações a) “José comeu o chocolate” e b) “José já comeu”, percebemos com nitidez a mobilidade do verbo em duas categorias. Uma explicação comumente usada é a de que “em a) o verbo estaria sendo usado transitivamente e em b) intransitivamente”. Segundo esta solução, nenhum verbo poderia ser classificado em transitivo ou intransitivo, mas sim

dizer que em alguns contextos ele foi usado deste ou daquele modo, o que é “incompatível com a teoria de que os verbos se subclassificam em transitivo ou intransitivo” –, o que também não salvaria a análise tradicional.

Os livros didáticos de língua portuguesa, em quase toda sua totalidade, trazem a questão formal da transitividade verbal como mais um modelo a ser seguido.

No livro didático *Língua e Literatura*, de Faraco e Moura (vol. 3, 2º. grau), a falta de informação ao estudante é lastimosa. A parte do livro que trata de transitividade tem, como subtítulo, “Regência”. Há uma explicação quanto a este termo, mas não quanto ao que é transitivo ou intransitivo. Após lançar um conceito de regência verbal, explicita-se que há problemas quanto à regência dos verbos na língua portuguesa e que a solução é consultar dicionários e logo em seguida apresenta uma lista de verbos. Por exemplo, o verbo *aspirar* é “transitivo direto quando significa tragar, sorver, inspirar (“Os dez milhões de paulistanos aspiram constantemente um ar poluído”); é transitivo indireto quando significa pretender, desejar, almejar (“Aspirava ao posto de general”)”. Em seguida, dá uma seqüência de exercícios apenas com a utilização dos verbos dados na lista anterior. Deste modo, os alunos obtêm poucas informações que, além de tudo, são incompletas, pois a maioria dos professores não usam novas fontes para enriquecer o assunto.

A questão é: será que os professores não enxergam ou não querem enxergar esta incompletude? Admitamos que há professores que realmente não conseguem perceber o problema com a transitividade verbal, o que eu acredito ser a maioria, porém isto é uma outra questão. Mas, e aqueles que sabem da insuficiência do assunto e mesmo assim não o questiona em sala de aula com seus alunos? Muito pelo contrário, continuam a seguir à risca os livros didáticos. O que os professores fazem é enganar os alunos, fazendo com que estes decorem uma lista de verbos, como se fossem robôs, para repetir a teoria na hora da prova.

As vítimas, indefesas, fazem tudo o que o seu mestre manda por não terem opção. Não lhes é dado embasamento algum para a discussão deste assunto. Aliás, o livro em questão não fala em momento algum o que é transitividade e se o professor e o livro dizem que um verbo X é transitivo direto e indireto não há porque questionar.

Os professores podem argumentar com as proposições de que se não ensinam o que está no livro, os pais estranham e passam a exigir que ele siga o livro. Se ele resiste pode cair na malha dos professores mal vistos. E claro que a realidade não nos permite revolucionar a língua de uma hora para outra, parando de ensinar a transitividade verbal dos livros. Mas isto não justifica a atitude atual dos professores frente ao assunto. A possibilidade de uma explanação da situação real da transitividade verbal após uma explicação formal é completamente plausível. Basta ter vontade.

Infelizmente, a maioria de nossos professores nem pensam nesta hipótese. Adotam os livros didáticos e optam pelo caminho mais fácil: repetir como papagaios enganadores o seu conteúdo.

### Referências bibliográficas

CLEMENTE, Elvo; KIRST, Marta H. Barão. *Linguística aplicada ao ensino de português*. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1987.

FARACO, E. Faraco; MOURA, F. MARTO. *Língua e literatura*. São Paulo: Ática, 1990.

## A ortografia no livro didático

Edson Rodrigues da Silva

Os exercícios ortográficos, constantes do livro *Texto e Contexto*, colaboram efetivamente para que as crianças que freqüentam 3ª série do primeiro grau aprendam a língua portuguesa? Parece que quase sempre as várias proposições desses exercícios contribuem para esse aprendizado.

A progressão dos estudos de ortografia, exposta no livro *Texto e Contexto*, dá-se, predominantemente, através de cinco proposições, a saber: ler e copiar as palavras; procurar palavras em jornais e revistas e copiá-las; copiar as palavras, completando-as; copiar as frases e, em seguida, completá-las; copiar as palavras e separá-las em sílabas.

De acordo com a primeira orientação, quando se pede ao aluno para copiar as palavras em que aparece o fonema /r/, alveolar, construtivo, sonoro (como em *lavadeira*), o exercício levará o estudante ao estudo da associação fonética/escrita.

Esse ato de copiar, reproduzir palavras com consoantes duplas e distintas (ex.: *octogésimo, aldeia, palavra*, etc.), viabiliza o contato da criança com uma disposição gráfica nova: duas consoantes unidas diretamente, sem que haja espaço para vogais entre elas (ex.: *obter, optar, advogado*). Faz-se necessário lembrar aqui que a criança não consegue dissociar, na 3ª. série do primeiro grau, o que se fala daquilo que se escreve. Portanto, ela encontrará dificuldades, caso a orientação do professor não seja suficientemente precisa. Uma boa sugestão seria estimular a criança (a qual se encontra na faixa etária de nove a dez anos), a ler em voz alta as palavras, repeti-las, para em seguida copiá-las em seu caderno.

Conforme a orientação segunda, o estudante deve recorrer a jornais e revistas a fim de procurar certas palavras e anotá-las. No caso de procurar palavras contendo o fonema /r/, vozeado, o aluno vai lidar com palavras escritas com o

grafema [r], independentemente deste vir no início, no meio ou no fim daquelas. Tal tarefa vem a instigá-lo a observar todas as palavras em que aparece esta unidade gráfico-fonética. E, por extensão, a criança estará exercendo a leitura, cujo processo a ajudará a ter uma idéia do uso deste grafema em nossa língua.

Já a orientação seguinte, "Copiar e completar as palavras com os encontros consonantais *pl, tl, e cl*", por exemplo, utiliza uma estrela como recurso do processo de aprendizagem. *Verbi gratia*: \*ural; \*arinete; A\*ântico.

Ora, isto é plausível. A estrela é um símbolo simpático à criança.

Num segundo item dessa orientação, pede-se ao aluno para copiar as palavras e marcar os encontros consonantais presentes nas mesmas. Uma vez que o assunto *encontros consonantais* já fora tratado em capítulo anterior, ele surge aqui como teste ou revisão, o que ratifica o aprendizado deste tipo de estrutura silábica, por parte do aluno.

Também, de acordo com a terceira orientação, o enunciado "Copie, completando com os grafemas [x] ou [z]", configura-se como facilitador da recepção do conteúdo pelo estudante, porque utilizam-se palavras já mencionadas em itens anteriores. A partir deste modelo atraente, o aluno inclina-se a escrever as palavras de maneira correta. No entanto, a criança pode apresentar dificuldades em assimilar certas (orto)grafias.

Isto ocorre, principalmente, se ele não memorizou a forma escrita das palavras ou deixou de consultar o dicionário/a gramática. Portanto, percebe-se, por estas constatações, que a deficiência não é do método de ensino.

Na quarta proposição, pede-se ao aluno para "Copiar as frases e completá-las com as palavras do quadro ao lado", por exemplo. Esta atitude vai induzir o estudante a fazer uma seleção, a qual conduzi-lo-á ao entendimento da frase como um todo. A criança por sua vez, estará fazendo um estudo de

classe de palavras (substantivo e adjetivo), conforme os dois exemplos que se seguem:

- a) A bola \_\_\_\_\_ está perto do rio.  
1. branca 2. sol 3. inteligente
- b) O \_\_\_\_\_ largo está cheio de peixes.  
1. casa 2. rio 3. céu 4. gato

Parece bastante favorável orientar o processo de aprendizado nesta direção.

A quinta fase diz respeito à cópia das palavras e à respectiva separação em sílabas. Os exercícios oferecidos chamam a atenção dos alunos para a tonicidade e para a quantidade de sílabas; como conseqüência, chamam atenção também para a divisão das palavras, cujos conteúdos já foram explorados em passagens anteriores do livro *Texto e Contexto*.

Nesse instante, em que estuda a silabação, a criança deve recuperar os conhecimentos já apreendidos, pois, nessa ocasião, será cobrada a divisão silábica das palavras, segundo os preceitos gramaticais vigentes na língua portuguesa.

Após o estudo ortográfico da língua portuguesa passar por estas cinco etapas, o aprendizado subjacente a variados textos consolidar-se-á. É certo que no livro *Texto e Contexto* alguns pouquíssimos exercícios oferecem algumas dificuldades. Todavia, tendo por perto um professor atento aos deslizes dessa obra, o aluno vai aprender, efetivamente, a ortografia do português.

### Referência bibliográfica

PERSUHN, Janice Janet. *Texto e contexto: produção de textos*. São Paulo: Editora do Brasil, 1987. 160 p.

